ARCHEION ON LINE
ISSN 2318-6186
Revista de Arquivologia da UFPB

A ATUAÇÃO DO ARQUIVISTA, NA GESTÃO DO CONHECIMENTO, À LUZ DA TEORIA DA CRIAÇÃO DO CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL

THE ARCHIVIST'S PERFORMANCE IN KNOWLEDGE MANAGEMENT, FROM THE PERSPECTIVE OF THE THEORY OF ORGANIZATIONAL KNOWLEDGE CREATION

*Patrício da Silva Fontes**
*Julianne Teixeira e Silva***

RESUMO
Analisa o papel do Arquivista nas ações de criação do conhecimento organizacional. Apresenta conceitos de Gestão do Conhecimento, da Teoria da Criação do Conhecimento Organizacional e breve histórico da profissão do Arquivista, enfocando a necessidade deste profissional estar receptivo à adequação de paradigmas emergentes, como a Gestão do Conhecimento. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, que utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. À guisa de conclusão, faz-se cogente o reconhecimento da importância de o profissional arquivista atuar além das competências, circunscritas às sete funções arquivísticas, elencadas por Rousseau e Couture (1998). Devendo atuar, com foco na criação do conhecimento organizacional e de forma mais ampla, na Gestão do Conhecimento, por meio de estudos e formação complementar, e assim, a profissão do arquivista se apresentará com maior relevância, no contexto organizacional e propiciará às organizações melhores condições para a consecução de seus objetivos.

Palavras-Chave: gestão do conhecimento; arquivista; Teoria da criação do conhecimento organizacional; modelo SECI.

ABSTRACT
It analyzes the Archivist's role in organizational knowledge creation actions. It presents concepts of Knowledge Management, the Theory of Organizational Knowledge Creation and a brief history of the Archivist's profession, focusing on the need for this professional to be receptive to the adequacy of emerging paradigms, such as Knowledge Management. This is a research with a qualitative approach, of a descriptive and exploratory nature, which uses bibliographical research as a methodological procedure. By way of conclusion, it is necessary to recognize the importance of professional archivists acting beyond their competencies, limited to the seven archival functions listed by Rousseau and Couture (1998). Having to act, focusing on the creation of organizational knowledge and more broadly, in Knowledge Management, through studies and complementary training, and thus, the profession of the archivist will be presented with greater relevance, in the organizational context and will provide organizations with better conditions for achieving its objectives.

*Mestre em Ciência da informação/UFPB |Mestre em Gestão em Organizações Aprendentes / UFPB | Bacharel em Arquivologia/ UEPB e Biblioteconomia/ UFPB | E-mail: psf_jp@hotmail.com
**Profa. Dra do Departamento de Ciência da Informação | UFPB | E-mail: julianne.teixeira@gmail.com

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2022v10n2.63724
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

***Keywords**: knowledge management; archivist; organizational knowledge creation theory. SECI model.*

Submetido em: 17 de julho de 2022
Aceito em: 11 de outubro de 2022

1 INTRODUÇÃO

O pós-Segunda Guerra Mundial, com relação a produção documental, deixou como herança uma massa documental acumulada (MDA) nas organizações. Segundo Saracevic (1999) a Ciência da Informação surge com a publicação do artigo *As we may think* (Como podemos pensar), de autoria de Vannevar Bush, em 1945, sobre a questão da explosão da informação. Do profissional arquivista, passou-se a exigir competências informacionais promotoras da Gestão Documental (GD), a fim de atender as novas demandas das organizações, mergulhadas na instantaneidade da informação.

As transformações sociais, políticas e econômicas, intensificadas pelos avanços das Tecnologias Digitais da Informação e do Conhecimento (TDIC's) têm impulsionado os arquivistas, com funções sociais reconhecidas desde a antiguidade, a assumirem novas posturas, a atuar em novas frentes, adaptando-se aos cenários emergentes, no tocante à produção, organização e uso da informação.

> Organizações públicas e privadas têm intensificado, cada vez mais, a mediação de seus processos de trabalho pelas tecnologias ocasionando novas formas de criar, usar e manter documentos, os quais estão, gradativamente, passando da conformação material para uma complexidade digital. (SILVA, 2016, p.4).

O arquivista Terry Eastwood afirmou que "é necessário entender o meio político, econômico, social e cultural de qualquer sociedade para entender seus arquivos." (EASTWOOD *apud* COOK, 2012, p.6). A Arquivística custodial de características patrimonialista, historicista e tecnicista cedeu lugar à Arquivística Pós-Custodial anunciada por Cook (2012), em que os arquivos são tratados como sistemas de informação, enquanto uma abordagem da Ciência da Informação. Sobre esta mudança paradigmática, Silva (2006, p.18) registra "a mudança da perspectiva custodial e patrimonialista (fechada através da conotação como 'tesouro') para uma pós-custodial e aberta, dominada pela busca incessante dos conteúdos (informação)". Os Arquivos e os arquivistas passam de uma posição histórica, de lugares de memória e guardiães da

(cc) BY-NC-ND

memória, respectivamente, para se ocuparem da informação e do conhecimento e não apenas dos suportes da informação.

O ambiente complexo das organizações hodiernas tem buscado modelos que lhes permitam gerenciar o conhecimento, independentemente de sua missão e natureza. As organizações têm buscado modernizar suas estratégias de gestão, o Arquivo e o arquivista, por usa vez, necessitam acompanhar o fluxo dessa evolução gerencial, sob pena de se tornarem ineficientes ao que se dedicam.

Segundo Barrancos e Ferreira (2017), a Gestão do Conhecimento (GC) tem se tornado prioridade para as organizações, por ser o conhecimento, fonte clara de competitividade, impulsionada pela evolução das tecnologias digitais de informação e comunicação. Há que se considerar os Arquivos, unidades essenciais, no apoio às atividades-meio e às atividades-fim das organizações a que atendem. A GC com suas práticas, passa a ser alternativa cogente para a modernização das organizações.

Com a Arquivística pós-custodial, o arquivo e seus profissionais devem se apropriar de competências em informação e conhecimento, tornando-se mais que gestores de documentos. Devem assumir a postura, nas organizações em que atuam, de intermediadores da informação e dos processos de criação e compartilhamento de conhecimento, ou seja, devem atuar na GC.

Diante desse panorama, o presente trabalho tem como objetivo analisar a necessidade cogente de atuação dos profissionais arquivistas, junto à criação do conhecimento organizacional, que é uma das etapas da GC.

2 GESTÃO DO CONHECIMENTO

O ambiente organizacional é composto por dados, informação e conhecimento que necessitam ser gerenciados para atendimento das demandas informacionais dos colaboradores ocupantes dos níveis estratégico, tático e operacional, da organização.

A Gestão Documental (GD) é “o conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente” (BRASIL, 1991). A Gestão da Informação (GI), segundo Davenport (1998, p.173) é "[...] um conjunto estruturado de atividades que incluem o modo como as empresas obtêm, distribuem e usam a informação e o conhecimento".

 (cc) BY-NC-ND

A Gestão do Conhecimento (GC) é definida por Teixeira Filho (2000, p. 22) como "uma coleção de processos que governam a criação, disseminação e utilização do conhecimento para atingir plenamente os objetivos da organização". Corroborando com esta definição Santos (2009, p. 191) define a GC como "o conjunto de processos, práticas e procedimentos que visam identificar, registrar e gerenciar o conhecimento das pessoas de forma a garantir sua utilização, difusão e aplicação no âmbito institucional".

Vieira (2020, p. 342) esclarece que a GC "possui como objetivo a inovação a partir de um elemento central: o conhecimento. Procura a melhoria de processos e negócios, vantagem competitiva e valor agregado para a organização". Para Nonaka e Toyama (2005), a organização deve captar, armazenar e transmitir o novo conhecimento organizacional criado dos câmbios entre conhecimento tácito e explícito.

Os três sistemas de gestão (documental, da informação e do conhecimento) se entrecruzam, através da categoria informação.

> la única forma de lograr una eficiente gestión del conocimiento es vinculándola con los sistemas antes mencionados,[Sistema de Gestão Documental e Sistema de Gestão da Informação] por lo que casi podría asegurarse que no puede existir un sistema de Gestión del Conocimiento organizacional que opere adecuadamente sin una adecuada gestión de información y sin una adecuada gestión documental. (PONJUÁN-DANTE, 2005, p. 71).

Práticas de GD são condições precípuas para estruturação da GI e para a criação de novos conhecimentos.

> O setor de "Arquivo" torna-se fundamental na implantação da gestão do conhecimento, pois nele são armazenados, gerenciados e disponibilizados os documentos que contêm informações estratégicas produzidas pela organização, não apenas no presente, mas também decisões passadas que construíram a trajetória da instituição." (SCHÄFER; SANCHES, 2014**,** p.211).

Vieira (2020), concluiu em seu estudo sobre os contributos da GD para a GC, que esta última, pode se beneficiar do ativo de conhecimento orgânico, fruto da GD, confirmando-se imbricada relação entre a GC e a GD. Essa compreensão pode aperfeiçoar os processos administrativos e facilitar a tomada de decisões por parte dos gestores, garantindo ao cidadão acesso às informações de que necessitam e tem direito.

(cc) BY-NC-ND

2.1 Teoria da Criação do Conhecimento Organizacional (TCCO)

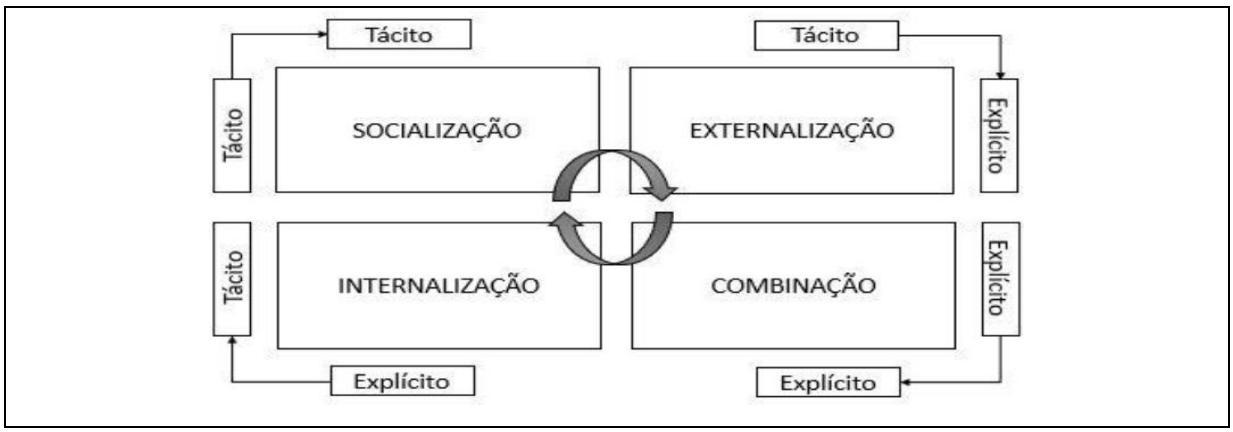
A teoria da criação do conhecimento organizacional (TCCO), dos autores Nonaka e Takeuchi (1997), surge como uma das principais teorias, na perspectiva da GC, baseado nos conceitos e interrelações entre os conhecimentos explícitos e tácitos. Trata-se do modelo de criação do conhecimento organizacional mais conhecido e difundido, correspondendo ao modelo da espiral do conhecimento impactando na GC.

Polanyi (1966), com a obra *The Tacit Dimension,* estabeleceu o princípio fundamental do conhecimento tácito, afirmando que: *We can know more than we can tell* - sabemos mais do que podemos dizer. (POLANYI, 1966, p.10). Nonaka e Takeuchi (1997; 2008) fundamentaram seu modelo de criação do conhecimento, a partir das ideias dos tipos de conhecimentos, explicito ou codificado e tácito ou implícito, advindos dos estudos de Polanyi (1966).

Segundo Choo (2003) a construção do conhecimento é, em essência, o adequado relacionamento do conhecimento tácito, aquele adquirido pelo indivíduo através de experiências intelectuais, sensoriais e, por isso, é unicamente existente na cabeça deste indivíduo, e do conhecimento explícito, pessoal ou organizacional, aquele registrado em algum meio e, por isso, de fácil organização, recuperação e comunicação, visando a criação de mais conhecimentos.

A Teoria da Criação do Conhecimento Organizacional (TCCO), de Nonaka e Takeuchi (1997; 2008), diz respeito a quatro formas de conversão de conhecimento que devem ser gerenciadas articuladamente e ciclicamente, como uma espiral, consistindo num processo de interação entre os conhecimentos tácito e explícito.

Figura 1 – Modos de conversão do conhecimento



Fonte: Nonaka e Takeuchi (1997;2008)

(cc) BY-NC-ND

Socialização (tácito – tácito), inclui a informação partilhada por meio da comunicação do conhecimento tácito entre indivíduos. Isoladamente, a socialização é uma forma limitada ao propósito da criação de conhecimento, pois, se o conhecimento não se tornar explícito, ele não será proveitoso para toda a organização (NONAKA; TAKEUCHI, 2008); Os espaços dedicados à fase de socialização do conhecimento representam os lugares em que os indivíduos compartilham sentimentos, emoções, experiências e modelos mentais (NONAKA ; KONNO, 1998).

Externalização (tácito – explícito), parte do conhecimento tácito de um indivíduo é capturado de forma explícita. Segundo Nonaka e Takeuchi (1997; 2008) para que isso ocorra se faz necessário o uso da linguagem, de metáforas e de analogias. Trata-se da verbalização do conhecimento tácito, ou seja, sua formalização (TREVISAN; DAMIAN, 2018).

Combinação (explícito – explícito), ocorre quando há a sistematização de diversos conhecimentos explícitos, por meio de reuniões, via documentos, e-mails, mediante capacitações etc. "É um processo de sistematização de conceitos em um sistema de conhecimento." (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, p.65).

Internalização (explícito - tácito)**, "**é um processo de incorporação de conhecimento explícito em conhecimento tácito" (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, p.67). Os indivíduos para reagirem à informação devem entender e internalizar a mesma. É o aprender fazendo.

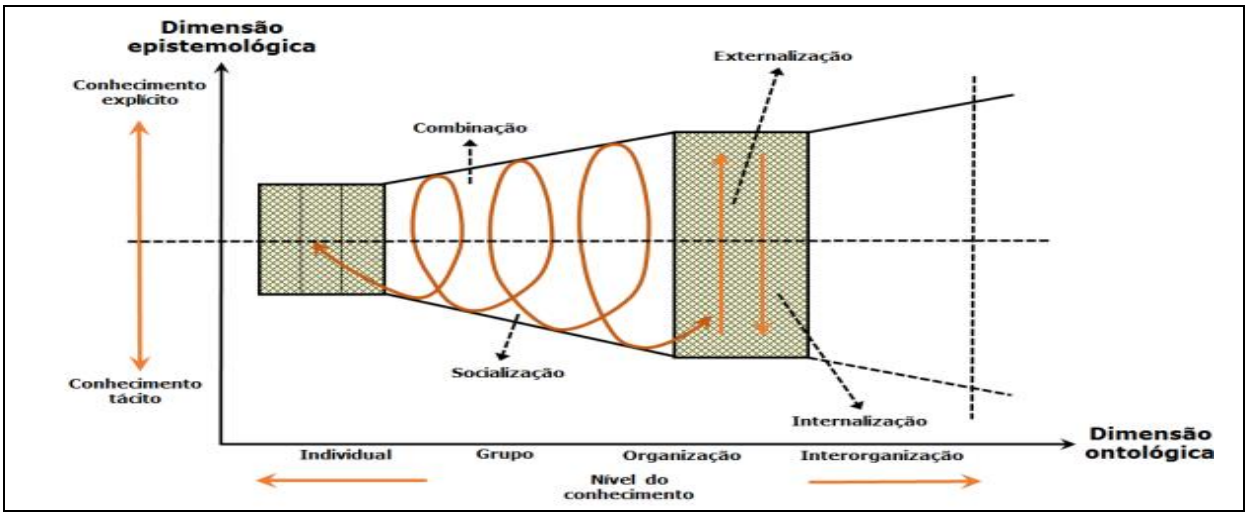
O processo de conversão do conhecimento, também conhecido como modelo SECI (Socialização, Externalização, Combinação e Internalização), não é cíclico, mas espiral e contínuo.

> Na conversão do conhecimento, a organização converte o conhecimento tácito de indivíduos criativos no conhecimento explícito de que a empresa precisa para desenvolver novos produtos e inovações. O conhecimento tácito é partilhado e exteriorizado em um diálogo que utiliza metáforas e analogias. Novos conceitos são criados, e depois avaliados segundo sua adequação aos propósitos da organização. Os conceitos são testados e elaborados por meio de arquétipos e protótipos. Finalmente, os conceitos que foram criados, avaliados e testados são transferidos para outros níveis da empresa, para desencadear novos ciclos de criação de conhecimento. (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, p.68).

A espiral do conhecimento recomeça com a socialização, quando o indivíduo compartilha seu conhecimento tácito. Os processos de conversão acontecem, também, transcendendo os níveis ontológicos, conforme mostrado, na figura 2.

DOI - 10.22478/ufpb.2318-6186.2022v10n2.63724
ISSN 2318-6186. Licença (cc) BY-NC-ND

Figura 2 – Espiral do Conhecimento



Fonte: Nonaka; Takeuchi (1997; 2008)

Para estes autores o "conhecimento humano é criado e expandido através da interação social entre conhecimento tácito e o conhecimento explícito." (NONAKA; TAKEUCHI, 1997, p.67). É percebido como um processo de duas dimensões epistemológica e ontológica. Gerir o conhecimento é sistematizar as práticas de conversão de conhecimento entre tácito e explícito e do indivíduo, para grupos até alcançar o nível da organização. Para Choo (2003) as organizações precisam aprender a converter o conhecimento tácito (pessoal) em conhecimento explícito visando promover inovação e o desenvolvimento de novos produtos e serviços na organização.

3 ATUAÇÃO DO ARQUIVISTA NA CRIAÇÃO DO CONHECIMENTO

As rotinas e práticas arquivísticas foram oficializadas no século XVI, embora alguns autores divirjam com relação a precisão desse período, entre os séculos XVI e XVII. Duranti (1993, p. 9), aponta que: "Os primeiros elementos da doutrina Arquivística (*archival doctrine*) podem ser encontrados no último volume da obra monumental de Dom Jean Mabillon sobre diplomática, publicada em 1681".

O Manual dos Arquivistas Holandeses, datado de 1898, publicado pela Associação de Arquivistas Holandeses, é um marco da Arquivologia moderna e da codificação da disciplina Arquivística. Schellenberg (2006, p.36) afirma que: "Do ponto de vista da contribuição universal para a Arquivística, o mais importante manual escrito sobre administração de arquivos é, provavelmente, o de um trio de arquivistas

(cc) BY-NC-ND

holandeses". O referido manual foi traduzido em diversas línguas, nos Estados Unidos, em 1940, e no Brasil, através do Arquivo Nacional, em 1960.

A Segunda Guerra Mundial é outro marco para a Arquivística, em função da grande produção de massa documental, que segundo Silva (1999), demandava por tratamentos técnicos, realizado por profissional capacitado, a fim de proporcionar uma GD, capaz de organizar e preservar o que tivesse algum tipo de valor e eliminar a documentação desprovida de valor, com base na concepção de ciclo de vida dos documentos e dos valores primários e secundários dos documentos.

Sobre a definição do profissional arquivista:

> é a pessoa que, numa administração ou numa empresa, é responsável pelos arquivos, ou seja, pela política de gestão e de conservação de todos os documentos necessários ao bom funcionamento de todos os aspectos daquela entidade, e, como tal, desenvolve os métodos e técnicas indispensáveis ao cumprimento de sua função. (DELMAS, 2010, p.84).

O arquivista atua na GD, na memória institucional, na preservação do patrimônio documental, no gerenciamento da informação arquivística, sejam quais forem seus suportes e idades, produzidos e recebidos pela organização no exercício de suas funções. (ROUSSEAU; COUTURE, 1998). Esses autores chamam a atenção para o triplo papel desempenhado pelos arquivistas: o cultural (a preservação da memória), o administrativo (arquivista desempenha a Gestão Documental) e o cientifico (Estudar, pesquisar e contribuir cientificamente para a Arquivologia, acrescentando novas metodologias e conhecimentos).

Fonseca (2005, p.67) afirma que a formação do profissional Arquivista, no Brasil, desenvolveu-se com maior substância, a partir da década de 1970, com alguns acontecimentos, como a criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros, em 1971; a criação do curso de Bacharelado em Arquivologia, o lançamento do primeiro periódico brasileiro especializado na área, intitulado Arquivo & Administração, e a promoção do I Congresso Brasileiro de Arquivologia, todos no ano de 1972*; e* a regulamentação das profissões de Arquivista e Técnico de Arquivo, no ano de 1978.

A legislação regulamentária da profissão traz um rol de competências e atribuições, voltadas basicamente à GD, à preservação da memória institucional, e ao assessoramento de pesquisas.

> Art. 2º - São atribuições dos Arquivistas: I - planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo; II - planejamento, orientação e

(cc) BY-NC-ND

> acompanhamento do processo documental e informativo; III - planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias; IV - planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos; V - planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos; VI - orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos; VII - orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos; VIII - orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação; IX - promoção de medidas necessárias à conservação de documentos; X - elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos; XI - assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa; XII - desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes (BRASIL, 1978).

Sobre a importância do profissional arquivista, Duchein (1978, p.30) afirma: "[...] A responsabilidade dos arquivistas se exerce, pois, em dois planos: o do presente e o do passado; são ambos igualmente importantes e essenciais". Complementa mais adiante, que os arquivistas são na verdade profissionais do futuro, o traço de união de duas épocas. De fato, a responsabilidade atual deste profissional também se exerce com o plano futuro, pois ele deve estar conectado com a missão e visão da organização, devem estar preocupados na consecução dos objetivos da organização, que passa pela geração e pelo compartilhamento de conhecimento.

Bellotto (2002, p.1) alerta que o arquivista, hoje, não pode esquecer que atua na era da informação, na qual a tecnologia da informação e da comunicação tem presença marcante. Santos e Flores (2015, p. 60) afirmam que: "Observa-se um importante ciclo de retroalimentação: a tecnologia da informação apoia a gestão, seja ela, organizacional, de documentos ou do conhecimento, e estas, se apoiam mutuamente". É fato, que o século XXI apresentou-nos a evolução das TDIC's, a popularização da internet, e o acesso a um volume de informações, nunca vivenciado, reverberando no *metier* de diversas profissões, algumas extinguiram-se, muitas sofreram mudanças e outras surgiram.

Betancourt, Silva e Gomes (2021) esclarecem que a visibilidade da profissão de Arquivista não alcançou nítido reconhecimento, isto é, atribuições e competências desses profissionais, ainda não são claras, tornando-se premente demarcar sua identidade diante da sociedade. As mudanças paradigmáticas correspondem a uma característica do mundo hodierno, exigindo das organizações e das pessoas grande capacidade de adaptabilidade. Conduzindo-nos à reflexão de que o fazer arquivístico

(cc) BY-NC-ND

deve ir além de sua atuação na GD e na GI. O profissional deve estar atento para atuar por exemplo, na GC.

> mudanças paradigmáticas nas áreas do saber provocam mudanças nas práticas profissionais, exigindo que as competências profissionais sejam reconstruídas, além da aquisição de habilidades múltiplas, ampliando as potencialidades do profissional, podendo solucionar problemas e atender complexas demandas. (SANTA ANNA, 2017, p.291).

À medida que a profissão de arquivista vai ganhando visibilidade na sociedade, o profissional deve se posicionar com maior disponibilidade de se comunicar com outras áreas do conhecimento, não devendo restringir sua atuação apenas ao tratamento técnico da documentação e ações de promoção da preservação da memória institucional, mas também, atuar auxiliando a organização a seguir sua missão e alcançar sua visão.

O arquivista precisa perceber a realidade que está vivenciando, primeiramente deve entender o ambiente em que atua, num segundo momento criar mecanismos eficientes de atuação na sociedade e, finalizando, enfrentar as mudanças cada vez maiores, antecipando-se às necessidades da sociedade. (VALENTIM, 2000, p. 136).

Santa Anna (2017, p. 293) afirma que os arquivistas, profissionais da informação, considerando os desafios impostos pela sociedade e diante dos paradigmas que sustentam a área, devem reformular seus fazeres, adquirindo competências que vão além daquelas ditas como tradicionais, voltadas apenas para a custódia e GD.

Serra Júnior (2006), corrobora com tal pensamento, afirmando que o profissional da informação, especialmente o arquivista, em tempos de GI e GC "[...] deve buscar uma forma diferenciada de atuação, que vai além das suas competências tradicionais, para auxiliar a organização na gestão dos chamados 'ativos intangíveis.'" (SERRA JUNIOR, 2006, p.1).

A Arquivística moderna, face à complexidade atual das organizações, atualizações e novos paradigmas, também se vê exigida a assumir novos posicionamentos profissionais centrados na gestão da organização como um todo.

> [...] Hoje, não basta representar um repositório de dados para o gerente e outros clientes e esperar que eles encontrem as informações de que precisam para a tomada de decisão. Há que existir um tratamento preliminar profundo e vinculado à gestão do conhecimento organizacional, incluindo-se o atendimento às demandas gerenciais, administrativas e técnicas de modo a reduzir a quantidade de informações recuperadas e otimizar a relevância dessas respostas. (SANTOS, 2009, p.217).

 (cc) BY-NC-ND

Drucker (1996, p. 183) declara: "no passado, as fontes de vantagem competitiva eram o trabalho e os recursos naturais, agora e no próximo século, a chave para construir a riqueza das nações é o conhecimento". Segundo ele, no século XXI, aumentar a produtividade dos profissionais do conhecimento era a contribuição mais importante que a gerência de corporações precisaria oferecer. O setor de Arquivo e seus profissionais possuem imbricada relação com a GC, basta observar a relação direta entre a GD, a GI (dos fluxos formais) e a GC (fluxos informais) tão almejada pelas organizações.

As organizações têm assumido novos formatos de gerenciamento, voltados para aprendizagem coletiva e para a criação e compartilhamento do conhecimento. Os arquivistas inseridos, nesse contexto, devem acompanhar essa tendência, adotando um novo posicionamento, na sociedade da informação e do conhecimento, a saber:

> o de atuar no que se convencionou chamar de "informação estratégica", isto é, a informação requerida pelos administradores de uma organização para definir decisões. Para tanto, é necessário ampliar nosso campo de ação para mais além da informação imediata, a do valor primário ou a de resgatar o valor secundário. A verdade é que devemos nos posicionar no *front continnum* da informação, desde sua criação até todos os seus usos possíveis, passando pela organização e gestão. [...] (BELLOTTO, 2002, p.5).

Serra Júnior (2006 p. 13) destaca que "o conhecimento arquivístico, associado com os demais saberes das ciências da informação, é fundamental para o sucesso de projetos de gestão do conhecimento". Faz-se necessário uma reflexão, sobre a atuação do Arquivista, na sociedade contemporânea, no contexto da GC, e no fazer arquivístico, na era pós-custodial da Arquivística.

> O arquivista necessita assumir no contexto das organizações, especialmente as públicas, a função de incentivador das práticas relacionadas ao uso da informação e conhecimento, adotando uma postura proativa no desempenho de suas funções como profissional da informação. (SCHÄFER; SANCHES, 2014, p.221).

Toledo Díaz (2009) em sua tese doutoral intitulada *Modelo de gestión del conocimiento para profesionales de archivo,* dissertando sobre antecedentes históricos da GC nos arquivos, afirma:

> Desde los propios inicios de la Archivística y de su evolución desde el empirismo hasta la conformación de su cuerpo teórico, estuvo matizada por acciones incipientes de gestión del conocimiento. Los adelantos se socializaban entre los archiveros, sobre la base del desarrollo y

 (cc) BY-NC-ND

> divulgación de las mejores prácticas y técnicas. (TOLEDO DÍAZ, 2009, p. 145).

Os arquivistas já atuam como gestores de conhecimento (explícito), o que precisam fazer é "identificar quais parcelas do capital intelectual eles controlam, transformando-as em oportunidades para criação de novos conhecimentos, contribuindo para o fortalecimento do aprendizado organizacional." (SERRA JUNIOR, 2006, p.10).

Identifica-se no fazer arquivístico, práticas da GC, por exemplo, nas ações de elaboração e revisão dos principais instrumentos da GD, que são os Planos de Classificação Documental (PCD) e as Tabelas de Temporalidades de Documentos (TTD). Como exemplo, no compartilhamento do conhecimento entre colaboradores, gestores e usuários, assim como, nas entrevistas com colaboradores mais experientes (maior tempo de serviço) nos setores das organizações, nas reuniões para levantamento da história administrativa da organização, nos *brainstorms*, no levantamento via história oral, no *storyteller* (narrativa) etc., indicando que os Arquivistas já percorrem os meandros da GC, pela via de suas práticas cotidianas.

Coletas de relatos orais que estão presentes, no campo da Arquivística, para a atividade de complementação de acervos, por exemplo. Nesse sentido, a criação de um banco de relatos, para registrar práticas, converte-se numa ferramenta essencial para a análise das ações já realizadas e para estimular a tomada de decisão, baseada em conhecimento. (SERRA JÚNIOR, 2006).

Gerir o conhecimento é sistematizar as práticas de conversão de conhecimento entre tácito e explícito e do indivíduo, para grupos até alcançar o nível da organização. (NONAKA; TAKEUCHI, 2008). De fato, os arquivistas podem atuar impulsionando o giro da espiral do conhecimento, mediando o processo de construção e/ou conversão de conhecimento, tácito em explicito, passível de ser representado em documentos e ações, o resultado da aprendizagem organizacional integrada à documentação gerada no curso do processo de trabalho ou do projeto, garante organicidade da documentação.

Destaca-se a relevância do profissional arquivista, frente às novas demandas relacionadas à GC, em especial, nas organizações de caráter público. Este profissional atuando na seara da criação do conhecimento organizacional, uma das etapas da GC, pode contribuir para o aprendizado organizacional. De que forma? Na medida do possível, assumindo o papel de mediador nos processos de construção e/ou conversão

(cc) BY-NC-ND

de conhecimento tácito em explícito e vice-versa, passível de ser materializado tanto em ações, como em documentos.

> E é essa a chave para atuação do arquivista no processo de Gestão do Conhecimento, participar do processo de materialização do conhecimento tácito, intangível e não registrado. Transformar esses ativos informacionais em registros tangíveis que possam ser mensurados, comunicados e estocados. (FURTADO; BELLUZZO, 2018, p. 331).

Santos (2009) e Serra Júnior (2006) defendem que é necessário repensar os aspectos tradicionais do fazer arquivísticos, adotar políticas que viabilizem a consolidação da GC, adotando metodologias específicas para inserção e condução dessa nova forma de gestão, afinal toda prática nova implicará mudanças institucionais, e, muitas vezes, culturais. Santos (2009), afirma ainda que as práticas de GD fomentam a GI, que devem ser acompanhadas de outra forma de gestão, mais estratégica, mas ampla, mais complexa.

A formação do profissional arquivista se dá com a formação formal e com a formação continuada. A primeira, garante a fundamentação teórica, visando a orientação dos profissionais para o mercado de trabalho, preparando-os mediante os conhecimentos teóricos e práticos para atuação nos diversos tipos de acervos e arquivos. (SOUZA, 2011). Já a formação continuada, ocorre através de cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, podendo ser complementada com os cursos técnicos de curta duração, de atualização e capacitação. (OLIVEIRA, 2014). É por meio dessa formação continuada, que o arquivista deve buscar as competências necessárias para atuar na GC.

> o mercado de hoje exige que o arquivista busque uma educação continuada, com especializações na área, graduações em áreas afins, participação em eventos, intercâmbios, formação de associações de classe e maior entrosamento entre os profissionais da área" (ALMEIDA; DUARTE, 2017, p.102).

Serra Júnior (2006), em sua defesa com relação a atuação do profissional arquivista, na seara da GC, aponta como alternativas para sua capacitação o estudo de textos sobre GC e o intercâmbio de profissional, a fim de utilizar conceitos e práticas da GC adequadas à organização a que serve. As Competências e habilidades requeridas aos arquivistas para a aplicação da GC, no âmbito das unidades de informação, pode auxiliar

 (cc) BY-NC-ND

as atividades dos profissionais da informação, aumentar a produtividade e reduzir custos (ROSSETTI; MORALES, 2007).

Identificamos o papel estratégico da atuação do arquivista nas organizações, com a execução de suas atividades e práticas consagradas através das sete funções arquivísticas elencadas por Rousseau e Couture (1998), a saber: produção, avaliação, aquisição, conservação, classificação, descrição e difusão. Mas, também, devemos reconhecer o importante papel social que se molda nas rápidas transformações, pelas quais as organizações hodiernas vêm passando.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, utilizando como procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica. Configura-se como pesquisa exploratória, pois há pouca pesquisa sobre o tema, atuação do arquivista na criação do conhecimento organizacional, "é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado." (VERGARA, 2016, p.49). Pesquisa descritiva, as pesquisas desse tipo "(...) expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza" (VERGARA, 2016, p.49). "As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. (GIL, 2019, p.27).

Este estudo tratou-se de uma revisão bibliográfica, referente a produção do conhecimento sobre a atuação do arquivista na GC. A pesquisa bibliográfica foi realizada em livros, dissertações e periódicos. A seleção de fontes de pesquisa e a coleta de dados ocorreram durante os meses de fevereiro a junho de 2022.

O universo do estudo foi composto por 21 (vinte e uma) publicações pertinentes à temática investigada. Como critérios de exclusão: artigos em duplicidade, publicados a mais de dez anos, artigos que não continham no resumo e/ou nas palavras-chave os descritores estabelecidos, e artigos que tratavam de forma superficial o tema pesquisado. A análise da adequação dos artigos selecionados ao objeto da pesquisa realizou-se via identificação das palavras-chave e leitura do resumo e uso da estratégia de leitura a do tipo *skimming* (leitura superficial).

(cc) BY-NC-ND

Para busca em periódicos, utilizou-se as palavras-chave Arquivista e Gestão do Conhecimento, com a busca por termo composto e o operador booleano 'E', para melhora da performance da busca, realizada no portal da BRAPCI - Base de Dados em Ciência da Informação, retornando 10 (dez) registros, e no portal de periódicos da CAPES, considerando os artigos revisados por pares, obtendo retorno de 20 (vinte) artigos, além do Google Acadêmico, houve uma recuperação de 18 (dezoito) registros. Para busca usando os descritores 'Arquivista' e 'Criação do Conhecimento', houve apenas o resultado de um registro, no portal de periódicos da CAPES.

Após a seleção dos artigos que subsidiaram este estudo, iniciou-se as leituras e fichamentos dos mesmos, para que fosse facilitado a compilação das informações coletadas e a *posteriori* a inicialização do manuscrito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos apontar a possível e necessária relação entre a atuação do profissional Arquivista e a Gestão do Conhecimento, por meio da Teoria da Criação do Conhecimento Organizacional, de Nonaka e Takeuchi (1997;2008), que tem seus estudos assentados no sucesso de empresas orientais, baseados na interface do conhecimento tácito e explícito.

A primeira consideração a ser registrada, diz respeito a escassez de publicações sobre o Arquivista, atuando no contexto da Gestão do Conhecimento, assim como, a exiguidade de estudos sobre a maneira que este profissional atua na criação do conhecimento organizacional.

A principal reflexão é o porquê da pouca participação do profissional Arquivista atuando na órbita da GC, já que o conhecimento é o grande ativo das organizações, o diferencial competitivo das empresas modernas e principal mola propulsora da melhoria de prestação de serviços, no caso das organizações públicas.

Santos (2009) defende a ideia de que a experiência dos arquivistas no campo da Gestão da Informação institucional, deixa-os em condições bastante favoráveis para inserirem-se, nas competências exigidas aos profissionais da informação, e para relacioná-los enquanto agentes propagadores da Gestão do Conhecimento institucional, bastando buscar as devidas capacitações.

Pode-se afirmar que exercendo as funções arquivísticas tradicionais, o arquivista contribui, ainda que timidamente, com a GC, e que as práticas de GC não são alheias a este profissional da informação. Na contemporaneidade, o arquivista deve atuar estimulando as ocorrências dos modos de conversão do conhecimento, proporcionando espaços e condições para que haja os câmbios entre conhecimentos tácitos e conhecimentos explícitos, e dessa forma girar a espiral do conhecimento, agregando valor e qualidade ao seu trabalho.

Este estudo propõe-se a despertar no arquivista, o desejo de preencher o vácuo, no tocante à sua atuação profissional no campo da GC. Serra Júnior (2006) defende que o Arquivista passe a atuar, de forma mais planejada, disponibilizando os espaços para a criação do conhecimento, e desta forma alavancar para a organização o tipo de conhecimento necessário à consecução dos objetivos organizacionais.

Nas leituras realizadas constata-se que o arquivista deve buscar formação complementar e leituras sobre GC, participar de eventos científicos de GC, de comunidades de práticas, e realizar pesquisas nessa área, a fim de atuar neste campo, com maior competência e autoridade técnica. Identifica-se relações entre a atuação do arquivista na. Estudos posteriores poderão aprofundar a compreensão das interrelações entre a GD, GI e GC, assim como, a atuação do profissional arquivista, nessa nova perspectiva, enquanto agente ativo na GC.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Sonia Scoralick de, DUARTE, Emeide Nóbrega. Panorama da atuação do profissional arquivista. **Archeion Online**, João Pessoa, v.5, n.1, p.77-107, jan./jun. 2017.

BARRANCOS, Echeverría Jacqueline; FERREIRA, Tereza Evâny de Lima Renôr. Ferramentas de gestão do conhecimento aplicadas em organizações da administração pública: um estudo em órgãos públicos de João Pessoa – PB. *In:* BORGES, Maria Manuel; CASADO, Elias Sanz. (org.) **A Ciência Aberta:** o Contributo da Ciência da Informação: atas do VIII Encontro Ibérico EDICIC. Coimbra, Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX - CEIS20, 2017, 1680 p.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística**: objetos, princípios e rumos. São Paulo, Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002. 41p.

BETANCOURT, Beatriz Carvalho; SILVA, Eliezer Pires da; GOMES, Priscila Ribeiro. Currículo e identidade profissional: a formação do arquivista no Brasil (1911-1977). **Acervo**. Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2021.

(cc) BY-NC-ND

BRASIL. **Decreto 82.590 de 06 de novembro de 1978.** Regulamenta a Lei nº 6546, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de arquivistas e técnicos de arquivo**.** Brasília: DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d82590.htm Acesso em: 09 fev. 2022

BRASIL. Lei 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil** , Poder Executivo, Brasília-DF, 9 jan. 1991. Disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br. Acesso em: 09 maio 2022.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC Editora, 2003. 425p.

COOK, Terry. A ciência arquivística e pós modernismo: novas formulações para conceitos antigos In: **R. Ci. Inf. e Doc**., Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 3-27, jul./dez. 2012. Disponível em: www.revistas.usp.br/incid/article/download/48651/52722 Acesso em: 01 abr. 2022.

DAVENPORT, Thomas H., PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**: como nas organizações gerenciam no seu capital intelectual métodos e aplicações práticas. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DELMAS, Bruno. **Arquivos para quê?** Textos escolhidos. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

DUCHEIN, Michel. O papel da arquivologia na sociedade de hoje. **Arquivo e administração**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3 set./dez. 1978.

DURANTI, Luciana. The archival body of knowledge: archival theory, method and practice, and graduate and continuing education. Journal of Education for Library and **Information Science**, v. 34, n. 1, p. 8-24, winter 1993.

DRUCKER, PETER. **Sociedade Pós-Capitalista**. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

FONSECA, M. O. **Arquivologia e ciência da informação.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.
FURTADO, Renata Lira; BELLUZZO, Regina Celia Baptista. Gestão do Conhecimento e competência em informação: possíveis relações e perspectivas de atuação do profissional arquivista. **Informação & Informação.** v.23, n.2, p. 314 – 339, maio/ago. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. Grupo GEN, 2019. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/. Acesso em: 26 mar. 2022.

NONAKA, Ikujiro ; KONNO, Noboru. The concept of ba**:** building a foundation for knowledge creation. **California Manegemet Review.** v.40, n.3, spring 1998. p. 40-54.

(cc) BY-NC-ND

Disponível em: https://home.business.utah.edu/actme/7410/Nonaka%201998.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaca. **Criação do conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 358p.

NONAKA, Ikujiro; TOYAMA, Ryoko; Criação do conhecimento como processo sintetizador. In: TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Gestão do Conhecimento**. Tradução por Ana Thorell. São Paulo: Editora Bookman, 2008. 320 p.

OLIVEIRA, Flávia Helena de. **A formação em Arquivologia nas universidades brasileiras**: objetivos comuns e realidades particulares. Brasília: FCI/UnB, 2014. 223 fl. (Tese de Doutorado). Orientador: Prof. Dr. Renato Tarciso Barbosa de Sousa. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17966/1/2014_FlaviaHelenadeOliveira.pdf. Acesso em: 05 maio 2022.

POLANYI, Michael. **The tacit dimension**. London: Routdedge & Kegan Paul, 1966.

PONJUAN-DANTE, Gloria. Gestión documental, gestión de información y gestión del conocimiento: evolución y sinergias. Comunicación preliminar. **Ceinfo Revista Ciências de la Información**. v.36, n.3, septiembre-diciembre, 2005 p.67-71. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=181417875006. Acesso em: 01 de nov. 2021.

ROSSETTI, Adroaldo; MORALES, Aran Bey. O papel da tecnologia da informação na gestão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 124-135, jan./abr. 2007.

ROUSSEAU, Jean-yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina Arquivística.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SANTA ANNA, Jorge. O arquivista como moderno profissional da informação: análise de competência à luz da literatura e da formação curricular. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, Maio/ago. 2017, p. 289-307. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8644523/pdf_1. Aceso em: 15 out. 2021.

SANTOS, Henrique Machado dos; FLORES, Daniel. Um diálogo entre arquivo, conhecimento e tecnologia. **Biblios on line**. n. 60 2015, p. Disponível em: http://biblios.pitt.edu/. Acesso em: 05 maio 2022

SANTOS, Vanderlei Batista dos. A prática arquivística em tempos de gestão do conhecimento. In: SANTOS, Vanderlei Batista dos; INNARELLI, Humberto Celeste; SANTOS, Renato Tarciso Barbosa (Org.). **Arquivística:** temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento. 3. ed. Brasília, DF: SENAC, 2009, p. 173-222.

(cc) BY-NC-ND

SARACEVIC, T. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051–1063, 1999. Disponível em: https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(1999)50:12%3C1051::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-Z. Acesso em: 21 abr. 2022.

SCHÄFER, Murilo Billig; SANCHES, Marystela Assis Baratter. A relação do arquivista com a gestão do conhecimento: análise em uma instituição pública federal. **Inf. Inf.,** Londrina, v. 19, n. 1, p. 206 – 224, jan./abr. 2014. Disponível em: http:www.uel.br/revistas/informacao/ Acesso em: 5 mar. 2022.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos modernos:** princípios e técnicas. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 386 p.

SERRA JÚNIOR., Lamberte Ricarte. O papel do arquivista na gestão do conhecimento. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 2. Porto Alegre: AARS. 2006. **Anais...** Disponível em: https://tudosobrearquivologia.files.wordpress.com/2009/12/modulo-1-o-papel-do-arquivista-na-gestao-do-conhecimento.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

SILVA, Armando Malheiro da [et al.] **Arquivística:** teoria e prática de uma Ciência da Informação. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SILVA, Armando Malheiro da. **A Informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico. Porto: Edições Afrontamento; CETAC.com, 2006.

SILVA, J. T. E. Normas ISO para gestão de documentos: uma introdução. **Archeion Online**, v. 4, n. 1, p. 4-21, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/14890. Acesso em: 15 jun. 2022.

SOUZA, Kátia Isabelli Melo de. **Arquivista, visibilidade profissional:** formação, associativismo e mercado de trabalho. Brasília, Starprint, 2011.

TEIXEIRA FILHO, J**. Gerenciando conhecimento**. Rio de Janeiro: Senac, 2000.

TOLEDO DÍAZ, Edilson Yamir. Antecedentes y perspectivas de la gestión de conocimiento em archivos. *In:* **CONGRESO ISKO,** 9, 2009, v. 1 p. 138-156, Valencia – Espanha. Disponível em: http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/126-141_Toledo-Diaz.pdf. Acesso em 25 maio 2022.

TREVISAN, Luciana Calvo; DAMIAN, Ieda Pelogia Martins. (2018). Gestão do conhecimento: diretrizes e práticas recomendadas às organizações. **Ciência da Informação**, v. 47, n. 2, p. 21-34. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4069. Acesso em 12 jun. 2022.

VALENTIM, Marta Pomim (Org.). **Profissionais da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2016.

(cc) BY-NC-ND

VIEIRA, Thiago de Oliveira. O contributo da gestão de documentos na gestão do conhecimento nas organizações: uma abordagem exploratória. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 327-350, jan/abr. 2020 Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/88437. Acesso em: 20 jun. 2022.